

EDUCOM É AMOR E LUTA, MAS QUE AMOR E QUE LUTA?

MAURICIO VIRGULINO DA SILVA²¹

RESUMO

A partir de fevereiro de 2011, o curso de Licenciatura em Educomunicação iniciou a formação de professores para atuarem sob o paradigma da Educomunicação, tendo como foco a construção de inter-relações na Educação, desenvolvimento de melhores ecossistemas comunicativos, gestão da comunicação em espaços e momentos educativos, o uso de meios de comunicação e tecnologias em processos que permitam a livre expressão e pensamento, entendendo também a Comunicação como Direito Humano essencial. Neste sentido os licenciandos, protagonistas de seu processo de construção, desenvolveram o lema Educom é Amor, e posteriormente Educom é Amor e Luta. Este artigo busca fundamentar o sentido Amor e Luta utilizado pelos licenciandos e licenciados em Educomunicação, à luz dos pensamentos de Paulo Freire.

PALAVRAS-CHAVE

Educomunicação, Paulo Freire, Diálogo, Licenciatura, Comunicação e Educação.

21. Mauricio Virgulino da Silva atua como Fotógrafo, Arte/educador e Educomunicador. É doutorando e mestre (2016) em Artes Visuais pelo PPGAV/ECA/USP (conceito CAPES 6), linha de pesquisa Fundamentos do Ensino e Aprendizagem da Arte. Licenciado em Educomunicação pela ECA-USP (2016). Possui especialização em Mídias na Educação pelo MEC/UFPE-NCE/USP (2013). <http://lattes.cnpq.br/7944733117798648>. Contato: mauriciovirgulino@gmail.com

ABSTRACT

Seince February 2011, the course in licentioeship of Educomunication started the formation of teachers in order to act under the paradigm of educomunication, having as principal point the construction of inter-relations in Education, development of better comunicative ecosistems, administration of comunication in spaces and comunicative moments, the use of means of technological in processes that alloud the free expression and thinking, also understanding Comunication as na Essential Human Right. In this sense the licentiated, protagonists of their construction process developed the lemma Educom is love, and afterwords Educom is love and struggle. This article tries to found the sense of love and Struggle used by the licencies ans licencies in Educomunication, under the idea of Paulo Freire.

KEYWORDS

Educomunication, Paulo Freire, dialogue, licentiaeship, comunication and Education

A paixão com que conheço e com que falo ou escrevo não diminuem em nada o compromisso com que denuncio ou anuncio. Eu sou uma inteira e não uma dicotomia. Não tenho uma parte de mim esquemática, meticulosa, racionalista, conhecendo os objetos e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço o mundo com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também. Paulo Freire – À Sombra Desta Mangueira

Os corredores da Escola de Comunicações e Artes da USP, a partir de 2011, começaram a ser frequentados por um novo grupo de aspirantes a professores: as licenciandas e os licenciandos em Educomunicação. Este um curso novo de um campo de conhecimento que aborda as inter-relações das áreas da Educação e da Comunicação.

Como curso inédito no Brasil [e no mundo], era comum as pessoas terem dúvidas pois não entendiam exatamente o que era a Educomunicação. O pouco que se sabia não estava atrelado à licenciatura, mas a projetos de organizações do Terceiro Setor que articulavam o direito à Comunicação ao protagonismo das pessoas, das comunidades, leitura crítica dos meios de Comunicação, produção de Comunicação e melhoria das relações comunitárias principalmente no Brasil e América Latina.

O pouco que sabia também estava atrelado aos trabalhos acadêmicos da linha de pesquisa Comunicação e Educação do Programa de Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da ECA/USP e às pesquisas e outras atividades do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP), principalmente relacionados a projetos como o Educom.Rádio – Nas ondas do rádio, que a partir de 2001, em formato de curso, atendeu 12 mil professores, alunos e membros das comunidades educativas de 455 escolas da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo. Utilizando o rádio como meio de comunicação e de estreitamento de relações entre estudantes, professores, funcionários e comunidade e tendo como filosofia o modelo de produção colaborativa, participativa e horizontalizada, hoje o projeto é política pública instituída pela Lei nº 13.941²², de 28 de dezembro de 2004, que criou o Programa EDUCOM: Educomunicação pelas ondas do rádio, e pelo decreto Nº 46.211²³, de 15/08/2005 que regulamentou o Programa EDUCOM - Educomunicação pelas Ondas do Rádio no Município de São Paulo.

22. Lei nº 13.941, de 28 de dezembro de 2004, que institui o Programa EDUCOM: Educomunicação pelas ondas do rádio, no Município de São Paulo disponível em https://www.imprensaoficial.com.br/DO/GatewayPDF.aspx?link=/2004/diario%20oficial%20do%20municipio/dezembro/29/pag_0001_7PDBBKK-TJ9CTTeCV9CIKAKNVI1E.pdf. Acesso em 30 dez. 2017.

22. Decreto Nº 46.211, de 15 de agosto de 2005, que regulamenta o Programa EDUCOM - Educomunicação pelas Ondas do Rádio, instituído no Município de São Paulo pela Lei nº 13.941, de 28 de dezembro de 2004. <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/decreto/2005/4621/46211/decreto-n-46211-2005-regulamenta-o-programa-educom-educomunicacao-pelas-ondas-do-radio-instituido-no-municipio-de-sao-paulo-pela-lei-n-13941-de-28-de-dezembro-de-2004>. Acesso em 30 dez. 2017.

Embora esses projetos, experiências e pesquisas sejam bastante significativas, ainda era comum a estudante e o estudante da Licenciatura em Educomunicação escutarem na Escola de Comunicações e Artes, na Universidade de São Paulo, em suas casas, em rodas de amigos, nos estágios e empregos, a fatídica pergunta: Você faz o quê? Educom... o quê? O que é Educomunicação? O que é uma Licenciatura em Educomunicação?

O projeto pedagógico²⁴ da Licenciatura em Educomunicação apresenta, com base no documento do Programa de Formação de Professores²⁵, como seu objetivo a formação de professores capazes de “contribuir para a formação cidadã, ética e democrática de crianças, jovens e adultos, tendo as relações educacionais como base de sua ação” (DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES, p.1), atendendo a demandas de diferentes níveis de ensino. Para tanto o professor educador deve desenvolver

habilidades intelectuais e práticas para dominar o universo representado pela inter-relação Comunicação/Educação/Tecnologias da Informação, no contexto de práticas pedagógicas que valorize os alunos como membros de uma cultura que se qualifica como inserida na “sociedade da informação”. (DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES, p.2)

As habilidades intelectuais e práticas a que se referem o texto tratam da capacidade de desenvolver estratégias e projetos que implementem trabalhos colaborativos entre educandos, com produção midiática e leitura crítica dos meios de comunicação.

Estas características do professor educador atendem às necessidades levantadas pela legislação educacional brasileira, utilizadas como justificativas para a existência do curso, como o texto da Resolução CEB No. 3 de 26 de junho de 1998²⁶, gerada a partir da Lei de Diretrizes e Bases²⁷ [Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996]. A Resolução apresenta, em seus artigos 4º e 10º, que no Ensino Médio os estudantes devem compreender diversas linguagens e manifestações, confrontando pontos de vista e opiniões, entendendo também

24. O projeto pedagógico, bem como informações do curso e grade curricular estão disponíveis em <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/jupCarreira.jsp?codmnu=8275>. Acesso em 30 dez. 2017.

25. O documento integral do Programa de Formação de Professores – USP, de 2004, elaborado pela Comissão Permanente de Licenciaturas está disponível em <http://www4.fe.usp.br/wp-content/uploads/programa-de-formacao-de-professores.pdf>. Acesso em 30 dez. 2017.

26. O texto integral da Resolução CEB no. 3 de 26 de junho de 1998 está disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_98.pdf. Acesso em 30 dez. 2017.

27. O texto integral da Lei de Diretrizes e Bases está disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em 30 dez. 2017.

as condições de produção e recepção; entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação; entender a natureza das tecnologias da informação como integração de diferentes meios de comunicação; estudar o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na vida, nos processos de produção, do desenvolvimento do conhecimento e da vida social; aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e outros contextos relevantes para a vida. A questão é: quem, ou que tipo de profissional, deverá promover o desenvolvimento de práticas curriculares coerentes com os objetivos propostos? Como formar este profissional? (DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES, p.9)

A questão colocada no Projeto Pedagógico da Licenciatura em Educomunicação é uma pergunta feita à sociedade, pois, concordando com a necessidade de se incluir como prática e conteúdo temas da Comunicação, como efetivar a inclusão deste tema tanto de forma interdisciplinar e transversal às disciplinas já existentes quanto de forma específica no ensino formal? Há possibilidade de se fazer isso na formação de professores de Artes, Biologia, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Língua Portuguesa, Matemática, Química, Sociologia? A Universidade de São Paulo entendeu desta forma que seria necessária a formação de um professor específico para trabalhar as práticas e reflexões sobre a Comunicação nas escolas.

“O quê é” e “o porquê” de uma Licenciatura em Educomunicação estariam inicialmente respondidos, mas ainda falta, entre as estudantes e os estudantes de Educomunicação uma descrição do conceito mais próxima do seu cotidiano, algo que fosse assumido por eles.

As obras *Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento*²⁸ e *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*²⁹ lançadas em 2011, no início do primeiro semestre da Licenciatura em Educomunicação traziam textos de autores importantes para a sistematização do conceito, como Ismar de Oliveira Soares, Maria Aparecida Baccega, Adilson Citteli, Cristina Costa, Roseli Figaro, Jesús Martín-Barbero e Mario Kaplún, entre outros, que ajudaram a explicitar às alunas e alunos o que seria a Educomunicação, como na definição de Soares (2009, p.161), a Educomunicação é

[...] o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos, criativos, sob a perspectiva da gestão compartilhada e democrática.

28. CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Orgs.) *Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulistas, 2011.

29. SOARES, I. O.. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

Ismar Soares entende o conceito ecossistemas comunicativos como a criação de relações de comunicação entre pessoas, e pessoas e comunidade, como um sistema “dinâmico e aberto, conformado como um espaço de convivência e da ação comunicativa integrada” (SOARES, 2011, p.44) .

Seria isso a Educomunicação: a criação de ecossistemas comunicativos, em processos educativos dialógicos, participativos, compartilhados, trabalhando questões da Comunicação e da mídia. Mesmo assim a própria Educomunicação como um campo em construção, retirado a partir da sua identidade inicial quer saber o que mais poderia ser e aonde poderia chegar. Não no sentido ruim de não saber, como estar sem rumo, mas aberta à uma constante construção a partir das práticas e reflexões de suas licenciandas e licenciandos, professoras e professores, pesquisadores e pesquisadoras e profissionais.

Como parte da construção aberta e dialógica do conceito e dos ecossistemas comunicativos que desenvolvem epistemologicamente e ontologicamente o conceito, as experiências e reflexões das graduandas e graduandos em Educomunicação também tem importante relevância. Foi em busca por uma frase de identidade e com capacidade de sintetizar o que seria a Educomunicação, conceito e curso, e o perfil do Educomunicador que as alunas e os alunos de Educomunicação dos dois primeiros anos do curso, criaram no ano de 2012 a frase “Educom é Amor”. Como um lema, ou mesmo *slogan*, a expressão “Educom é Amor” era falada, citada, gritada, escrita, cantada tanto em aula quanto em encontros acadêmicos e outras atividades estudantis. Mas como amor é um conceito polissêmico, o “Educom é Amor” começou a ser entendido como uma afetuosidade superficial, e algumas críticas surgiram em relação ao lema.

No ano de 2016, durante a preparação do evento Semana Educom, organizado por estudantes da Licenciatura surgiu a necessidade de classificar de qual amor se falava, pois a Educomunicação tratava dos afetos e de estar afeto, mas também das busca pela transformação da sociedade em um espaço mais justo, com mais equidade, respeito à diversidade, com Educação de qualidade, garantia do direito à Comunicação e reflexão crítica. Com isso foi criado um novo lema “Educom é Amor e Luta”, que qualificava o primeiro, e que ganhou uma versão em imagem, criada por Ananda Radhika Meron Postiglione, artista, ilustradora e aluna da Licenciatura em Educomunicação.

Imagem 1 – Educom é amor e luta!



FONTE: POSTIGLIONE (2016)

AMOR E LUTA?

Nada se pode temer da educação quando se ama. Paulo Freire – Educação e Mudança

A imagem de *Ananda Radhika* Meron Postiglione, com o slogan que traz a tentativa de qualificar o amor, o relacionando à luta, apresenta duas pessoas que tem falas e balões de diálogo em formas complementares como o *Yin-Yang*, conhecidos conceitos do taoísmo que juntos representam a dualidade e o equilíbrio dinâmico do universo, com movimento e mudança. As duas pessoas também têm olhos fechados e postura corporal ativa, como se ao mesmo tempo sonhassem e estivessem em ação. Esta é uma possível interpretação da imagem criada por Postiglione, perfeitamente encaixada com a identidade do educador entendida pelos graduandos.

Nesta interpretação podemos identificar alguns conceitos importantes à Educação, encontrados também nas definições dadas por Ismar Soares, nos livros citados acima, e no Projeto Pedagógico da Licenciatura: amor, luta, diálogo, participação, afeto, cidadania, transformação, aprendizado, parceria, mudança, relação, complementaridade.

É mera coincidência que estes conceitos também apareçam em toda a obra do educador Paulo Freire? Não. Ismar Soares afirma que a aproximação da Educação e da Comunicação na América Latina foi constatada pela contribuição teórico-prática de Paulo Freire (SOARES, 2011) e que essa relação, vai além do uso de Tecnologias de Informação de Comunicação em processos educativos, pois tecnologias modernizam, mas não garantem o desenvolvimento. Um dos elementos essenciais que poderia garanti-lo integralmente, quebrando as relações de opressão, seria o diálogo, e neste as pessoas poderiam juntas aprender e ensinar uns aos outros.

Para Freire

não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. (FREIRE, 1983, p. 93-94).

Ser dialógico [...] é vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular [...]. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. (FREIRE, 1971, p.43)

Nas citações acima, das obras *Pedagogia do Oprimido* e *Extensão ou Comunicação?*, Paulo Freire relaciona o diálogo ao amor, como um encontro transformador, pois o diálogo/amor transforma e humaniza o mundo. Assim para um processo ser dialógico tem que ser amoroso. Ou seja, diálogo é amor.

E considerando que a Educação trata da inter-relação das áreas da Educação

e da Comunicação, não apenas abordando o fenômeno midiático ou tecnológico, mas colocando como centro as pessoas, a construção de conhecimento e cidadania, a inter-relação Comunicação/Educação forma uma amálgama no entendimento de Paulo Freire (1971, p.69) que diz que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

No livro *Educação e Mudança*, Paulo Freire também fala de Comunicação, e da sua relação com a Educação. Freire afirma que o Brasil, como uma sociedade em transição [vale lembrar que 1981, ano de lançamento do livro, ainda vivíamos uma ditadura civil-militar no Brasil], há necessidade de uma “democratização fundamental, que implica uma crescente participação do povo em seu processo histórico” (FREIRE, 2011, p.91), cuja participação, para ser melhor organizada, deve vir acompanhada de um processo educativo conscientizador e portanto libertador. Assim a pessoa torna-se sujeito de sua participação, por ser consciente do seu cotidiano, do seu mundo e das relações que envolvem a si e a seu mundo. O processo educativo deve ajudar na construção de uma organização reflexiva do pensamento, pois é na reflexão e na crítica sobre sua prática, que o sujeito reelabora no pensamento e pode transformar sua prática. Mas como é possível desenvolver uma organização reflexiva do pensamento? Freire (2011, p.94) responde

Somente um método ativo, dialogal e participante poderia fazê-lo. E o que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. [...] Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé e de confiança. Po isso, somente o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de “empatia” entre ambos. Só ali há comunicação. [...] Somente chego a ser eu mesmo quando os demais chegam a ser eles mesmos.

A organização reflexiva do pensamento, ou seja, um pensar crítico só se faz quando há diálogo e quando um grupo está envolvidos neste diálogo. A formação do pensamento crítico se faz em comunhão dos indivíduos, pois o diálogo estabelece as trocas de conhecimento, de construção e reflexão. E quando a relação deixa de ser horizontalizada e passa a ser A sobre B e não A com B, ocorre o antidiálogo, pois deixa de ser uma relação amorosa e de empatia, assim para Freire (2011, p.95-96) “o antidiálogo não comunica. Faz comunicados. Precisávamos de uma pedagogia da comunicação com a qual pudéssemos vencer o desamor e o antidiálogo.”

Comunicação é diálogo, porque sem diálogo não há Comunicação, há informação. Embora a raiz da palavra Comunicação remeta ao significado de “tornar comum”, e esta expressão possa ser entendida como divulgar ou informar, a raiz de Comunicação também é a mesma “estar em comunhão”. “Tornar comum” e “estar em comunhão” juntas estreitam a relação de um com o outro e não sobre o outro, pois juntos se tornam um sem perder suas características e identidades individuais. Por isso a Comunicação não se faz se não há uma posição ativa e participativa

de ambos os lados, portanto dialógica. E, como visto acima, se amor também é diálogo, e Comunicação é também diálogo, não há como dissociar a verdadeira Comunicação do amor.

Se a Educação precisa da verdadeira Comunicação, no sentido que só é possível uma Educação transformadora que possibilite a pessoa a ter um pensamento crítico dentro de um processo dialógico, comunicativo e amoroso, então professores preparados para atuar na relação Comunicação/Educação, nos diferentes níveis da Educação podem ajudar a estabelecer melhores processos de diálogo e participação, ou seja, com melhores ecossistemas comunicativos. Estabelecer um processo educativo participativo, dialogal, horizontal, com conhecimentos complementares, de valorização do coletivo e protagonismo dos sujeitos não estão no perfil do licenciado em Educomunicação? Sim, estão.

A professora educomunicadora e o professor educomunicador além de planejar, implementar e avaliar processos, programas e produtos que criam e fortalecem ecossistemas comunicativos abertos, criativos por meio de práticas dialógicas, devem em sua ação também ser dialógicos e amorosos, para suas falas serem coerentes com sua prática, assim como Freire fala da inteireza no seu pensar-sentir-agir. A professora e o professor fazem parte do processo não como alguém externo ou superior, pois a relação professor-aluno também deve ser horizontalizada. Há de se respeitar os papéis que cada um exerce no espaço educativo, mas isso não significa que por ter papéis diferentes, a ação deva ser de um sobre o outro, ou seja, a relação de professor-aluno deve ser pautada também no amor. O amor do respeito mas também o amor do afeto, do querer bem, como define Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia*:

Essa abertura de querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa, esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. (FREIRE, 2001, p. 159-160, itálico do autor)

Uma Educação baseada no amor é uma Educação que enxerga o educando como uma pessoa que também pode ensinar (FREIRE, 1983), e que justamente por isso, não precisa ser uma relação de frieza, de distanciamento. Ser afetuoso tampouco significa apenas uma relação de elogios e carinho, sendo que é certo que a escuta atenta e o olhar nos olhos já são amorosidade. Educar com amor é ser próximo para ativar o diálogo, mas também entender que o conteúdo é indispensável, pois também o conhecimento acadêmico é repertório para uma melhor leitura crítica do mundo.

É preciso, [...] reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (FREIRE, 2001, p. 161).

Outra ação indispensável à professora educadora e ao professor educador é reconhecer sua própria situação de ser inacabado. A educadora e o educador ao entenderem que também estão em processo de formação contínua, além de observarem a educando e o educando como capazes de também ensinar, se colocam em posição de humildade no processo educativo, como sujeitos de seu contexto, sua história e sua sociedade. Também a professora e o professor devem estar conectados à comunidade desenvolvendo sua consciência e ação. Ao se posicionarem desta maneira, a educadora e o educador como sujeitos, são capazes propor processos educativos transformadores aos educandas e os educandos, com amor e sem impor situações ou conteúdos. Como afirma Freire (2011, p.36)

O amor é uma tarefa do sujeito. É falso dizer que o amor não espera retribuições. O Amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro.

Nesta sociedade há uma ânsia de impor-se aos de mais numa espécie de chantagem de amor. Isto é distorção de amor. Quem ama o faz amando os defeitos e as qualidades do amado.

Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais.

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo.

Nada se pode temer da educação quando se ama.

E A LUTA?

A luta para Paulo Freire está relacionada a toda ação contra a injustiça, desigualdade, a favor da democracia, de lazer, de trabalho digno, de condições para aprendizado, de saúde, de equilíbrio de forças. A luta é se indignar e agir com o que provoca a indignação. A luta vai desde uma organização complexa de muitas pessoas como o marcha dos trabalhadores sem-terra ao cotidiano de uma pessoa que em seu trabalho observa as relações que se dão e procura seus direitos e busca andar ao lado dos seus colegas que passam pela mesma situação, ou ainda na ação do professor que com uma educação dialógica proporciona um espaço de riqueza, criatividade e participação ativa das alunas e alunos (RIBEIRO, 2017).

A luta acontece na busca pela liberdade de ser sujeito de seu tempo e de sua sociedade, procurando fazer desta um local melhor e mais bonito para todos viverem. E lutar é também um ato de amor. E amor, também é luta pois

[...] é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.

Como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor.

Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido.

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. (FREIRE, 1983, p. 94)

Amor e luta. Amor é luta. Porque sem amor e luta não há transformação. Nem individualmente nem socialmente. E efetivamente só no espaço coletivo, com amor e diálogo que uma transformação inclusive individual é possível.

EDUCOM É AMOR E LUTA INSPIRADA EM PAULO FREIRE

Poderíamos arriscar que Paulo Freire foi um educador? Talvez. O pensamento de Paulo de Freire é a Educomunicação. Talvez não. Paulo Freire se preocupou em pensar e agir em busca de melhores relações e melhores práticas educativas, acreditando que a transformação para uma sociedade menos opressora e, portanto, mais justa só seria possível se a escola, importante neste processo, estivesse diretamente ligada ao cotidiano das pessoas e objetivasse não o mero treinamento para manutenção do *status quo*, mas sim a conscientização com uma prática dialógica. A mudança social está atrelada obrigatoriamente à mudança de atitude e à postura das pessoas, que se tornam sujeitos colaborativos e participativos. A proposta de Paulo Freire é mais ampla que a Educomunicação, pois tocam em diversas as estruturas sociais e áreas do conhecimento.

Mas a Educomunicação, na base que forma o seu conceito, traz as reflexões de Paulo Freire marcadas em suas práticas e teorias. Atuar na luta pelo direito à Comunicação, na leitura crítica dos meios de Comunicação, no protagonismo das pessoas em processos comunicativos, na reflexão e ação sobre o contexto social, na produção de espaços de diálogo com participação ativa e decisória da comunidade, no estreitamento de relações, na conscientização, na busca por uma sociedade mais justa e com mais boniteza são ações que fazem parte da práxis educacional. Se amar é ter coragem para lutar e transformar com o outro, com afeto, com respeito e com determinação, se lutar é amar a própria prática, o educando e uma sociedade melhor, se a Educação não pode ser realizada sem a Comunicação, se Comunicação é diálogo, se amor também é diálogo, se a Educomunicação

se faz na busca por criar e melhorar ecossistemas comunicativos dialógicos para uma sociedade ser crítica, compromissada, justa, com equidade e respeito, então “Educom é Amor e Luta!”, mas amor e luta inspirados em Paulo Freire.

E o lema criado em 2012 e atualizado em 2016 pelas estudantes e pelos estudantes de licenciatura em Educomunicação não é apenas um símbolo de identidade mas também de fundamentação prática e teórica, e, portanto, da epistemologia e da práxis da Educomunicação..

REFERÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. *Licenciatura em Educomunicação – Projeto Pedagógico*. Disponível em: http://www.cca.eca.usp.br/sites/cca.eca.usp.br/files/pictures/projeto_pedagogico_educomunicacao.pdf. Acesso em 20 set. 2018.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013

POSTIGLIONI, Ananda Radhika Meron. *Educom é Amor e Luta*. 2016. Ilustração, pb.

RIBEIRO, Marlene. Luta. In. STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p.248-251.

SOARES. Ismar de Oliveira. Caminhos da gestão comunicativa como prática da Educomunicação. In. BACCEGA, M. A.; COSTA, M.C.C. (Orgs.). *Gestão da Comunicação: epistemologia e pesquisa teórica*. São Paulo, Paulinas, 2009, p. 161-188.

SOARES. Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.